

## SUMÁRIO

<i>Prefácio</i> .....	7
<i>Marisa Nogueira Greeb</i>	
<i>Introdução</i> .....	13
<i>Heloisa Junqueira Fleury e Marlene Magnabosco Marra</i>	
1. A história e o desenvolvimento do psicodrama socioeducacional no Brasil .....	23
<i>Heralde Oliveira Silva</i>	
2. Psicodrama e educação.....	35
<i>Marcia Almeida Baptista</i>	
3. O agir interventivo e a pesquisa-ação .....	45
<i>Maria Eveline Cascardo Ramos</i>	
4. Conhecimento, intersubjetividade e as práticas sociais .....	57
<i>Liana Fortunato Costa e Maria Inês Gandolfo Conceição</i>	
5. Estratégias de direção grupal e identificação do agente protagônico nos grupos socioeducativos.....	69
<i>Anna Maria Knobel e Luís Falivene R. Alves</i>	
6. O processo de aprendizagem e a metodologia psicodramática .....	93
<i>Stela Regina de Souza Fava</i>	
7. Intervenções sociopsicodramáticas: atualização e sistematização de recursos, métodos e técnicas .....	101
<i>Rosane Rodrigues</i>	

8. O sociodrama e o *role-playing* na prática sociopsicodramática .. 125  
*Cybele Maria Rabelo Ramalho*
9. O teatro espontâneo como intervenção socioeducativa ..... 141  
*Moysés Aguiar*
10. A sociometria na prática interventiva socioeducativa:  
a teoria espontânea do aprendizado ..... 157  
*Marlene Magnabosco Marra*
11. A intervenção grupal socioeducativa de tempo limitado..... 179  
*Heloisa Junqueira Fleury*
12. A elaboração de projetos para a efetivação de intervenções  
socioeducativas ..... 193  
*Mara Sampaio e Yvette Datner*
13. Grupos socioeducativos na implementação  
das políticas públicas: indagações ..... 201  
*Maria Amalia Faller Vitale*

## PREFÁCIO

Outro dia, vendo a Grande Muralha da China, única fronteira do planeta vista da Lua, comecei a refletir e a me contentar. Uma construção de barreiras feita para proteger o território, tentando impedir a entrada de intrusos e/ou inimigos que, hoje, milênios depois, é uma atração turística admirada e visitada por pessoas de todas as culturas. Quando lia os vários textos deste livro, por associação, essa imagem da Grande Muralha se apresentou, e tive a mesma sensação, qual seja, de quando o mesmo já não é o mesmo. Vemos aqui a educação que recebemos nas diferentes profissionalizações, antes construtora de muralhas e defensora de territórios, hoje associada à transversalidade para a compreensão da complexidade da vida, transformando cada especialidade em mais uma contribuição para o aprofundamento do conhecimento do ser em seu processo de hominização.

Reconhecemos hoje que as histórias por trás dos fatos são múltiplas, pois advêm de múltiplas interpretações. Podemos acompanhar uma delas seguindo a narrativa apresentada por Heralde Oliveira Silva. Assistimos, assim, a cada ponto de vista, à geração de inúmeros outros acontecimentos. Daí o fato de a pluralidade de histórias fazer do humano um ser mais complexo e mais atrativo. Mil olhares, às vezes antagônicos, às vezes interpoladores, geram diversas criações e outros tantos olhares, e, de repente, damos conta de que a vida do psicodrama no Brasil também já não é a mesma.

Salve Moreno, que, tendo parido uma obra aberta, nos possibilitou tantas abordagens e criações para acolhermos e sermos acolhidos.

Na efervescência de criações, buscando a melhor aproximação com os grupos, vemos a exaustiva organização de técnicas no trabalho de Rosane Rodrigues, que afirma:

Senso de humor, por exemplo, considero como fundamental: para fazer psicoterapia, desenvolver ações de cidadania, aprender como funciona o aparelho digestivo, melhorar a motivação ou integração dos funcionários do chão de fábrica ou dos executivos de uma empresa ou debruçar-se sobre um problema da sociodinâmica grupal de uma instituição pública.

Heloisa Fleury e Marlene Marra, guerreiras espreitadoras da necessidade de compartilhamento reflexivo das ações realizadas com grupos aqui no Brasil, presenteiam-nos com a organização de mais este livro, que traz um relato da pesquisa internacional realizada pela Seção Transcultural da International Association for Group Psychotherapy and Group Processes (IAGP) sobre as perspectivas e tendências das práticas grupais no mundo contemporâneo e a preocupação dos psicodramatistas com questões tão sérias em vários países.

Interessantíssimos os resultados, que podem nos remeter a profundas reflexões sobre o forjamento das culturas, a contemporaneidade em saltos qualitativos, a adequação de nossas intervenções, ou melhor, de nossas intercessões num mundo economicamente globalizado e, então, dividido novamente, agora, porém, entre o bem e o mal.

Esse não é o nosso caso; outras produções nos trazem, cada uma a seu modo, experiências de organização de trabalho com o simples pensar metodológico. Pensar siconomicamente seria a grande aprendizagem. Captar esse pensamento, esse modo do pensar, será o grande ganho de fazer dessa filosofia um serviço público. Ao fazer a leitura dos acontecimentos mundiais e nacionais por meio da sociometria, percebendo o movimento dos campos de força, as protagonizações autenticadas e as clandestinas, muitas vezes usadas como bodes expiatórios, e assim por diante, mesmo nas conversas informais, educaremos também para a cidadania.

Na leitura desses textos, que são consequentes mas não necessariamente seqüenciais, vamos caminhando junto com os autores, que nos propiciam viagens variadas, indicando caminhos possíveis para o desenvolvimento de trabalhos. Eles vêm desde a sala de aula de Marcia Baptista, na qual a aprendizagem se dá na vivência da própria metodologia, no caso o psicodrama pedagógico, assim nomeado por Maria Alicia Romaña (que me ensinou os primeiros passos na arte do psicodramatizar), indo até os grandes grupos, com base na sociometria. Também mapeando as forças presentes e conteúdos latentes explicitados como desejantes e chegando à descoberta do protagonista, suas qualidades e desejos, no caso que Falivene traz: o congressista. Interessante acompanhar os passos da direção com sua equipe de egos-auxiliares por meio do diálogo com Anna Knobel e do processamento, dispositivo fundamental para compreendermos o que se passa no palco e nos bastidores e qual o olhar que fundamenta a trajetória da direção.

O projeto sacionômico de Moreno deixa claro um posicionamento político no próprio nome: *socius* (companheiro) e *nómos* (leis, normas, criadas pelos companheiros). É ético, porque se fundamenta no encontro teleespontâneo, expressão cunhada por Stela Fava. Também trata da estética como modo de expressão, que Moysés Aguiar tanto enfatiza ao citar a manifestação artística do teatro espontâneo. Portanto, precisamos estar atentos a qualquer ato dramático. Vale lembrar que Moreno nos delegou também a função de estetizar o momento dramático.

A sociometria, que estuda e explicita a estrutura do grupo e os campos de força presentes, oferece modos de diagnosticar o grupo e seus fluxos, percebendo suas tendências e a necessidade de possíveis intervenções. A técnica facilitadora é o sociograma, cujo uso é hoje bastante discutido porque facilita intervenções também autoritárias. No decorrer da leitura dos textos, observamos vários modos de aplicação desse método. Bem sabemos que “a forma como se utiliza uma ferramenta tem a ver com o modo de pensar de quem a toma nas mãos”,

como menciona Moysés Aguiar em seu texto. É curioso que muitos trabalhos aqui desenvolvidos tenham focado a sociometria; seria porque o movimento das forças sociais está mudando com muita velocidade?

Cybele Ramalho nos oferece reflexões relevantes e bem elaboradas, indicando a direção da criação moreniana, ou seja, a sociatria, que nos oferece dois métodos fundamentais: o psicodrama e o sociodrama. A autora traz uma lembrança muito válida, ao citar Moreno, para nos alertar quanto ao fato de que usar o psicodrama apenas nos consultórios privados seria como usar um jato para ir até a esquina. A articulação dialética indivíduo-sociedade não permite essa separação psicossocial; daí decorre que a escolha do psicossociodrama e do sociopsicodrama vai depender da porta de entrada que as necessidades da dinâmica do grupo nos proporcionam. Sendo a dinâmica sempre soberana, cabe à direção, metodologicamente sustentada, seguir o caminho por ela apontado.

Eveline Cascardo Ramos faz um relato sobre trabalhos realizados com pessoas que afirmam: “Nada que a gente faça vai mudar nada... Esse mundo não é pra gente”. O trabalho socioterapêutico, como ela o denomina, é o caminho para a pesquisa-ação. Pela relevância do tema, esse estudo levanta questões cruciais da vida da população brasileira à margem das oportunidades do viver.

Liana Costa e Maria Inês Conceição, preocupadas em buscar fundamentações teóricas, apóiam-se nos autores da complexidade, pensamento bastante atual, fazendo-nos pensar e problematizar o conceito de intersubjetividade e a concepção do caráter democrático dos métodos morenianos. A matriz sociométrica de um grupo é democrática ou, com o antagonismo das escolhas, nos oferece o primeiro contato com o drama do grupo? As escolhas são mais voltadas ao protagonista ou ao lugar de esconderijo do verdadeiro drama? No pensamento da complexidade prevalece a fala do Um, da subjetividade dominante. Questões interessantíssimas.

Stela Fava nos lembra, em uma síntese, das regras básicas do psicodramatizar, permitindo, com olhar astuto, perceber não a prática, mas a práxis moreniana.

Mara Sampaio e Yvette Datner apresentam um modelo de projeto para as práticas institucionais, de certo modo questionando a necessidade ou não desse procedimento.

Finalmente, o termo *socioeducativo* é colocado em questão no trabalho de Maria Amalia Vitale sobre grupos socioeducativos na implementação das políticas públicas. São apresentadas indagações bastante pertinentes para a reflexão de todos nós, não só no âmbito da assistência social.

Estes textos, para aqueles que gostam de pensar e refletir, serão intensamente estimulantes. Afinal, profissionalizar-se é transformar-se a cada dia.

*Marisa Nogueira Greb*

Consultora, supervisora, terapeuta e docente  
nas áreas de sociodinâmica, psicodrama e sociodrama.





# INTRODUÇÃO

HELOISA JUNQUEIRA FLEURY  
MARLENE MAGNABOSCO MARRA

A Seção Transcultural da International Association for Group Psychotherapy and Group Processes (IAGP), coordenada por Heloisa Junqueira Fleury, promoveu, em 2007, uma pesquisa internacional sobre as perspectivas e tendências das práticas grupais no mundo contemporâneo. Participaram colegas de 26 países – Alemanha, Argentina, Austrália, Brasil, Canadá, Chile, Costa Rica, Croácia, Dinamarca, Eslovênia, Espanha, Estados Unidos, Finlândia, França, Geórgia, Grécia, Israel, Itália, México, Nova Zelândia, Noruega, Reino Unido, Suécia, Suíça, Turquia e Uruguai –, ajudando a construir um panorama significativo dessa prática no mundo.

A maioria deles era composta de profissionais altamente qualificados, muitos eram professores de universidades, de cursos de formação, e supervisores de grupo. Provavelmente pela inserção acadêmica, muitos expressaram um olhar pesquisador sobre suas próprias práticas.

Um detalhe interessante é que vários deles mencionaram utilizar uma abordagem teórica básica, à qual acrescentam diferentes contribuições, o que pode significar uma fertilização transversal entre teorias.

Nesse grupo, a maturidade profissional pareceu refletir-se em preocupação com a formação profissional de novas gerações e num movimento de ir além de sua própria formação original, buscando novas articulações teóricas e práticas.

Outro aspecto interessante foi a população-alvo das intervenções. Em outros países, há áreas de atuação ainda pouco habituais entre nós, como trabalhos grupais com refugiados, vítimas de tortura e de traumas, criminosos de alta periculosidade, diálogo entre populações

com conflitos intensos etc. No Brasil, por outro lado, mesmo havendo uma pluralidade de aplicações, predominam trabalhos com populações caracterizadas pela vulnerabilidade social. Essas especificidades regionais refletem a busca de novas metodologias para atender às demandas sociais emergentes em cada sociedade.

Muitos profissionais brasileiros relataram experiências voltadas para o desenvolvimento de recursos para a auto-sustentabilidade de comunidades, evidenciando a importância de o próprio grupo buscar soluções viáveis para as reais necessidades locais. Confirma-se, dessa forma, a demanda da sociedade brasileira por novas práticas socioeducativas.

A educação, em seu sentido amplo, é um meio de continuidade social. Valoriza uma qualidade informal que reelabora a noção e a prática da aprendizagem em seu sentido de reconstrução política. Essa educação inclusiva favorece a emancipação do cidadão (Demo, 2004), assumindo um caráter amplo, segundo o qual sua institucionalização é apenas um dos espaços sociais onde ela acontece.

Considerando que, como diz Demo (2004, p. 11), “a qualidade da democracia é diretamente proporcional à qualidade educativa da população”, podemos afirmar hoje que a educação só pode ser viável quando, de forma integral, articula-se com a saúde, cultura, nutrição, geração de renda, gerenciamento de pessoas e todos os demais componentes da totalidade do ser humano.

Nessa pesquisa, observou-se que os clínicos atuam em consultório, com práticas individuais, grupais, com casais e famílias, e que, porém, muitos deles atuam também na saúde pública e em instituições ligadas à saúde mental e social.

Chama a atenção o número de modalidades direcionadas a populações homogêneas, expressando o incremento de intervenções grupais temáticas, com foco em etapas de desenvolvimento, sintomas, resolução de conflitos etc.

Numa análise de objetivos, a maioria visa ao empoderamento de populações, com trabalhos voltados para grupos de mulheres. Há uma tendência evidente de busca de novas metodologias, desen-

volvimento de recursos técnicos, adaptação de contribuições de outras abordagens, objetivando o aumento dos recursos internos para facilitar o enfrentamento, por parte dessas populações, de situações externas adversas.

Essas constatações confirmam o desenvolvimento das intervenções grupais de tempo limitado. Seus objetivos de trabalho focado, avaliação de recursos metodológicos e otimização dos recursos individuais e grupais podem ser mais bem aproveitados por haver uma tendência global de trabalho com populações sob o impacto de condições específicas locais, em geral altamente adversas.

Confirmam também que o conceito de resiliência deverá ser mais bem explorado no futuro, porque transpassa todas as abordagens atuais, podendo ser um importante marcador do desenvolvimento individual e grupal.

A transculturalidade dos grupos é um ponto menos apontado pelos respondentes, porém, fica evidente quanto essa dimensão poderá ser importante. Tratando-se de populações de diferentes países, há distinções entre idioma e linguagem que precisariam ser mais bem analisadas.

Como promover novas fertilizações transversais, buscando recursos metodológicos que possam ser úteis em diferentes culturas? O olhar pesquisador parece estar favorecendo a avaliação de metodologias aplicadas aos trabalhos grupais. Quem sabe em um futuro próximo posamos ter mais clareza quanto aos recursos, apontados por pesquisas, oferecidos por diferentes abordagens teóricas.

A diversidade de aplicações em todas as regiões do mundo confirma uma observação importante para nós, no Brasil: a sociedade vem percebendo que é preciso resolver problemas que o Estado sozinho não tem condições de enfrentar. As políticas públicas são cada vez mais estimuladas pelas nossas práticas. Há a necessidade de agregar sistemas diferentes, instituições e fazeres profissionais, pois políticas tratam de questões coletivas.

Nesse sentido, constatamos um Estado mínimo no que diz respeito às definições de políticas públicas que atingem a demanda de to-

da a população. Em contrapartida, encontramos uma sociedade civil mais organizada, recebendo apoio e formando parcerias com diferentes instituições de responsabilidade social, ONGs (organizações não governamentais), Osips (organizações sociais de interesse público) e instituições privadas voltadas à prevenção e ao tratamento.

Essa rede de segurança preventiva e protetora das iniciativas sociais voltadas para todas as camadas da população constitui o contexto de trabalho da intervenção socioeducativa. Por ser considerada como uma terapia comunitária, ampliam-se as oportunidades de emancipação e de transformação do capital humano, social e produtivo do grupo.

A perspectiva de ajustes na recuperação da qualidade de vida das pessoas, a emancipação do cidadão, a sustentabilidade de suas demandas, a ampliação da rede de segurança e o acesso à justiça formam um campo propício para a efetivação de programas, projetos e planos de ação. Estes devem abranger desde aqueles que tratam da subsistência da população, passando pela formação de multiplicadores ou agentes sociais, até aqueles que promovem os sujeitos, desenvolvendo visão crítica, resiliência e capacidade para o enfrentamento de diferentes situações.

Intervir fundamenta-se no postulado de que o conhecimento representa um valor ou um bem e que a sua conquista é um dos elementos de uma estratégia de mudança (Dubost, 2001). A reflexão é desencadeadora do conhecimento uma vez que propaga uma ressonância no espaço e cria um movimento de desenvolvimento da consciência. A proposta das práticas grupais enfatiza a importância de encontrar o saber local para a construção do saber coletivo.

As práticas sociais ou comunitárias têm uma proposta interventiva. Promovem mudanças e organizam os grupos, demonstrando eficácia como instrumento de intervenção social e de atenção básica à saúde e valorizando a prevenção e a qualidade de vida. Toda situação social que gera ampliação de consciência devido a uma ação-reflexão-ação é uma forma de intervenção.

Os grupos constituem contextos privilegiados para prevenção, articulação e transformação, já que a criação de oportunidades impli-

ca o desenvolvimento humano. Requerem profissionais disponíveis, que não estejam fixados em suas especialidades e que abram perspectivas para o “cuidado” com o outro, possibilitando a criação de um território fértil para o desenvolvimento. Quanto mais tivermos parceiros, do compartilhar e do vivenciar, mais próxima a sociedade estará da sua auto-sustentabilidade (Marra, 2004).

O enfoque das intervenções e práticas sociais está ligado à psicologia social crítica e histórica, segundo a qual o homem está sempre em construção. Sabemos que a luta pelos direitos humanos no Brasil é recente, tendo se fortalecido com a oposição ao regime militar nos anos 1970. A psicologia associada aos direitos humanos é uma prática atual e não tem por finalidade produzir mais uma especialidade, mas procura consolidar uma prática psicológica voltada para a dimensão histórico-política.

As intervenções socioeducativas constituem-se em ações formativas por excelência porque cultivam a autonomia e o pensamento crítico e criativo, sempre proporcionando a oportunidade de participação. Sabemos que a capacidade espontânea e criativa do ser humano demanda renovação na educação, o que é viabilizado nas interações sociais vivenciadas nessas intervenções, que são, em si, potencialmente terapêuticas.

No contexto das intervenções socioeducativas, é importante a valorização do sujeito na sua cultura, assim como os significados dados por ele devem ser a fonte do que é ensinado ou aprendido. Essas intervenções supõem uma educação continuada, propondo que os atores, na interação grupal, tornem-se os geradores de seu próprio funcionamento e desenvolvimento.

De acordo com Paulo Freire (1997, p. 107),

A educação popular constitui uma prática referida ao fazer e ao saber das organizações populares, que busca fortalecê-las enquanto sujeitos coletivos e, assim, contribuir através de sua ação-reflexão ao necessário fortalecimento da sociedade civil e das transformações requeridas, tanto

para a construção democrática de nossos países, como para o desenvolvimento econômico com justiça social.

O aprender confunde-se com a vida, o que leva à tendência de aumento da expectativa sobre as novas possibilidades de aprendizagem (Demo, 2004). Na comunidade educativa, todos os atores sociais são estimulados a exercitar suas práticas e modos de ver o mundo.

Como declaram Moreno (1972) e Morin (2000), precisamos dos outros para sobreviver, viver e nos desenvolver. O conhecimento é adquirido em comum, na multiplicação das experiências. O desafio é cuidar da aprendizagem e ser um eterno aprendiz. A politicidade da educação significa sua potencialidade de desenvolver a capacidade de intervenção no destino das pessoas e da sociedade à medida que se forjam sujeitos, numa relação intersubjetiva, que comporão comunidades (Demo, 2004).

Moreno criou os fundamentos de uma teoria e metodologia próprias das ciências sociais e aplicáveis à intervenção socioeducativa. A qualidade informal da educação psicodramática indica espaços e movimentos entre os saberes mencionados e os demais saberes, o trânsito entre psicodrama e as mais diversificadas formas de abordagem, tendo a ação com sentido moreniano como estratégia para o caminho que queremos construir. Como todos os saberes, este demanda do educador um exercício permanente. Somos todos sujeitos históricos, sociais e culturais do ato de conhecer. Tanto as competências técnico-científicas quanto as habilidades pessoais, a ética e a estética devem fazer parte do desenvolvimento do nosso trabalho, constituindo um ambiente favorável à produção do conhecimento.

O aprimoramento das virtudes pessoais, somado à apropriação do saber, nos possibilita intervenções dialéticas e problematizadas, convergindo contraditoriamente para a unidade em meio à diversidade das ações e pessoas. A qualidade educacional do psicodrama possibilita a cada um, ao ser instigado pelo que não se sabe ainda, refazer seus conhecimentos; busca a complementaridade de idéias e conceitos na unidade da multiplicidade (Marra, 2004).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação psicodramática inclui-se no que vem sendo denominado *transdisciplinaridade*. Pensar transdisciplinarmente é a forma de pensar de acordo com novos paradigmas. Segundo Nicolescu *et al.* (2000), a transdisciplinaridade é uma visão operativa e operacional do todo. É uma reflexão sobre a natureza de nosso saber, sobre os processos da complexidade no seio das disciplinas e na sociedade, mas é também uma reflexão sobre a natureza da própria mente.

A transdisciplinaridade, como o prefixo *trans-* indica, diz respeito àquilo que se encontra ao mesmo tempo entre as disciplinas, através das disciplinas e além de quaisquer disciplinas. Seu objetivo é a compreensão do mundo presente.

Após compreendermos o conceito de transdisciplinaridade, temos agora condições de retornar ao início do texto e direcionar mais um olhar aos resultados da pesquisa. Vários são os contextos em que as demandas se apresentam, distintas são as abordagens indicadas para as intervenções, diferentes são as proposições e os objetivos requeridos pelos grupos, populações, culturas, linguagens, com significados diversos que constituem valores para cada um, sendo que diversificadas formas de intervenção perpassam pelo caminho do profissional. O que leva a dizer que também o profissional está em constante processo de educação e que sua formação, sua disponibilidade para as mudanças e sua não fixação em nenhuma especialidade são elementos básicos para qualquer prática educativa. Essa conjuntura permeia distintos âmbitos do processo educativo e confirma que cada profissional deve reconhecer a especificidade das diferentes práticas e dos diferentes espaços onde elas acontecem e cuidar da qualidade de vida. Só com essa pedagogia voltada ao reconhecimento e à politicidade do cuidado (Demo, 2004) poderemos alcançar os níveis de realidade que garantem efetividade (espaço exterior) e afetividade (espaço interior) crescentes, sustentando a ligação entre o todo e nós mesmos (Nicolescu *et al.*, 2000).

Assim, a intervenção não constitui um fim em si, mas uma possibilidade de ampliar o conhecimento e a consciência dos participantes, além de permitir que os limites sejam transformados em desafios, uma vez que o pertencimento, o envolvimento e a participação, entre outros aspectos, estão presentes nessa interação.

Assim nasce este livro. Nossa perspectiva é a de que seja criado um espaço de interlocução e haja a ampliação de redes entre profissionais que trabalham com grupos, tendo como meta a saúde social e o fortalecimento das relações interinstitucionais e envolvendo as práticas grupais, as políticas públicas e as organizações dos sistemas de assistência. Acreditamos em um conhecimento que vá se construindo na relação, que traga propostas para cada uma das demandas sociais e que implique a impossibilidade de uma teoria completa, acabada e fechada em si mesma.

Podemos concluir, então, que a educação, segundo a visão sociopsicodramática, promove mudança e transformação dos atores envolvidos. Caracteriza-se como uma ação terapêutica que implica uma interação (relação / fazer), resultando na aprendizagem de um papel, uma idéia ou um conceito. A intervenção socioeducativa, utilizando como método o sociopsicodrama, oferece um ensinamento precioso para a vida de todos os participantes e no que concerne às nossas ações no mundo.

## Referências bibliográficas

- DEMO, P. *Professor do futuro e reconstrução do conhecimento*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.
- DUBOST, J. “Notas sobre a origem e evolução de uma prática de intervenção psicossociológica”. In: MACHADO, M. N. M.; CASTRO, E. M.; ARAÚJO, J. N. G.; ROEDEL, S. (orgs.). *Psicossociologia: análise social e intervenção*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001, p. 165-77.
- FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1997.
- MARRA, M. M. *O agente social que transforma: o sociodrama na organização de grupos*. São Paulo: Ágora, 2004.



MORENO, J. L. *Psicodrama*. Trad. Álvaro Cabral. São Paulo: Cultrix, 1972.

MORIN, E. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. Trad. Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. 2. ed. São Paulo / Brasília: Cortez / Unesco, 2000.

NICOLESCU, B. *et al. Educação e transdisciplinaridade*. Trad. Judite Vero, Maria F. de Mello e Américo Sommerman. Brasília / São Paulo: Unesco / Escola do Futuro (USP), 2000.



# I. A HISTÓRIA E O DESENVOLVIMENTO DO PSICODRAMA SOCIOEDUCACIONAL NO BRASIL

HERIALDE OLIVEIRA SILVA

O psicodrama socioeducacional começou quando Jacob Levy Moreno, criador do método psicodramático, ainda era estudante de medicina em Viena, Áustria. Essa afirmação está documentada no livro *J. L. Moreno: pensamiento y obra del creador de la psicoterapia de grupo, el psicodrama y la sociometria*. Escrito pelo doutor Juan Pudink, foi lançado no IV Congresso Internacional de Psicodrama, realizado em Buenos Aires, em agosto de 1969, organizado pela Associação Argentina de Psicodrama e Psicoterapia de Grupo, da qual era presidente Jaime G. Rojas-Bermúdez. A obra foi escrita para homenagear J. L. Moreno, presidente honorário do evento. O próprio homenageado fez o prólogo, qualificando e validando seu autor pela revisão bibliográfica de toda a trajetória moreniana.

A autora do marco teórico do psicodrama socioeducacional, na Argentina e no Brasil, foi Maria Alicia Romaña. Em 1963, ela se formou em Psicodrama e Psicoterapia de Grupos, em Buenos Aires. Em 1969, apresentou oficialmente o “Psicodrama Pedagógico” no IV Congresso Internacional de Psicodrama. Em 1976, mudou-se para São Paulo, onde desenvolveu projetos, escreveu livros, supervisionou, orientou monografias, ministrou cursos e fundou a primeira escola brasileira de psicodrama pedagógico, participando das escolas e cursos que surgiram depois em todo o Brasil. Em 2005, Romaña voltou à Argentina, sua terra natal.

Tendo em vista a rica e longa história do psicodrama socioeducacional, bem como seu desenvolvimento repleto de acontecimentos relevantes, optei por registrá-los através da linha do tempo.